



L. FRANK BAUM

O MÁGICO DE OZ

Ilustrações de Andréia Souza

Tradução de Tiago Novaes

TORRESILHAS
FABULOUS CLASSICS

SUMÁRIO

Por que ler este clássico?, VIII

Introdução, 2

O Ciclone, 4

O Encontro com os Munchkins, 10

Como Dorothy Salvou o Espantalho, 18

A Estrada na Floresta, 24

O Resgate do Homem de Lata, 30

O Leão Covarde, 36

A Viagem até o Grande Oz, 42

O Mortífero Campo de Papoulas, 50

A Rainha dos Ratos do Campo, 56

O Guardião do Portão, 62



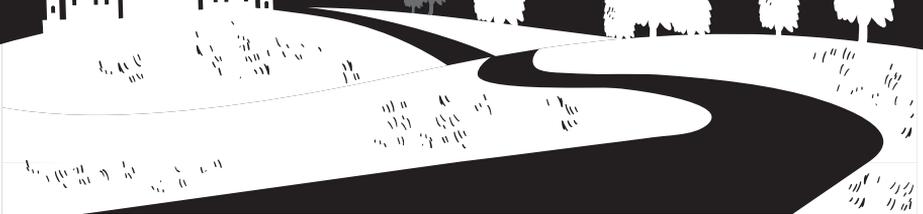
A Maravilhosa Cidade de Oz,	68
Em Busca da Bruxa Má,	80
O Resgate,	92
Os Macacos Alados,	96
A Descoberta de Oz, o Terrível,	102
A Arte Mágica do Grande Trapaceiro,	110
Como Lançaram o Balão,	114
Rumo ao Sul,	120
Atacados pelas Árvores Guerreiras,	126
O Delicado País de Porcelana,	132
O Leão se Torna o Rei dos Animais,	138
O País dos Quadlings,	142
Glinda, a Bruxa Boa, Concede o Desejo de Dorothy,	146
De Novo em Casa,	152

Sobre o Autor, 154





o CICLONE





Dorothy vivia nas grandes pradarias do Kansas, com o tio Henry, que era fazendeiro, e a tia Em, a esposa do fazendeiro. A casa onde moravam era pequena, porque a madeira usada para construí-la precisou vir de trem por muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um assoalho e um teto, formando um cômodo; e lá dentro havia um fogão meio enferrujado, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. Tio Henry e tia Em tinham uma cama grande em um canto, e Dorothy ficava em uma caminha no outro canto. Não havia sótão nem porão, apenas um pequeno buraco, cavado no chão, chamado de porão dos ciclones, para onde a família ia se acasoum daqueles grandes furacões aparecesse, poderoso o suficiente para destruir qualquer construção em seu caminho. Chegava-se ao porão por um alçapão, de onde uma escada de mão descia até a pequena toca escura.

Quando Dorothy ficava à entrada da casa e olhava em volta, tudo o que via era a grande pradaria cinzenta em todas as direções. Nem uma árvore, nem sequer uma casa interrompiam a vasta extensão de terra plana que atingia o limite dos céus por todos os lados. O sol tinha secado a terra lavrada, que virou uma massa cinzenta toda rachada na superfície. Nem mesmo a grama era verde, porque o sol queimara a ponta das folhas compridas até ficarem da mesma cor cinza que se via em todo lugar. A casa já tivera cor um dia, mas o sol desgastara a pintura, e as chuvas a lavaram, e então a casa ficou triste e cinzenta como tudo em volta.

Quando tia Em foi morar lá, ela era uma mulher muito jovem e bonita. O sol e o vento a transformaram também. Eles levaram o brilho de seus olhos e os deixaram com um cinza sombrio. Levaram a cor das suas bochechas e lábios, que também ficaram cinzentos. Agora ela estava magra e seca, e não sorria mais. Quando Dorothy, que era órfã, chegou ali, tia Em ficou tão chocada com as risadas da menina que gritava e apertava a mão contra o peito sempre que a voz alegre da criança chegava aos seus ouvidos. E ainda contemplava a garotinha sem entender como ela conseguia rir tanto.

Tio Henry nunca sorria. Ele trabalhava duro da manhã até a noite e não sabia o que era alegria. Ele também era cinza, desde as barbas compridas até as botas desgastadas. Parecia severo e solene, e nunca falava.

Era Totó que fazia Dorothy sorrir e a ajudava a não crescer cinza como tudo ao redor. Totó não era cinza. Era um cãozinho preto, com um comprido pelo sedoso e olhinhos negros que piscavam com alegria de cada um dos lados de seu engraçado focinho minúsculo. Totó brincava o dia inteiro, e Dorothy brincava com ele e o amava muito.

Hoje, entretanto, eles não estavam brincando. Tio Henry estava sentado no degrau da entrada e olhava, ansioso, para o céu, mais cinzento que o comum. Dorothy permanecia debaixo do batente com Totó nos braços e também olhava para o céu. Tia Em lavava os pratos.

Ao norte, de muito longe, ouviram o pranto baixo da ventania, e tio Henry e Dorothy podiam ver onde a grama alta se inclinava em ondas ante a tempestade que se aproximava. Então, ouviu-se um assobio agudo vindo do sul, e, quando olharam para lá, viram as ondulações da grama se aproximando também por esta direção.

De repente, tio Henry se levantou.

– Vem vindo um ciclone, Em – disse para a esposa. – Vou cuidar dos animais – então correu até o galpão onde ficavam as vacas e os cavalos.

Tia Em deixou o que estava fazendo e foi até a porta. Um breve olhar foi o suficiente para reconhecer o perigo que se avizinhava.

– Rápido, Dorothy – gritou. – Corra até o porão!

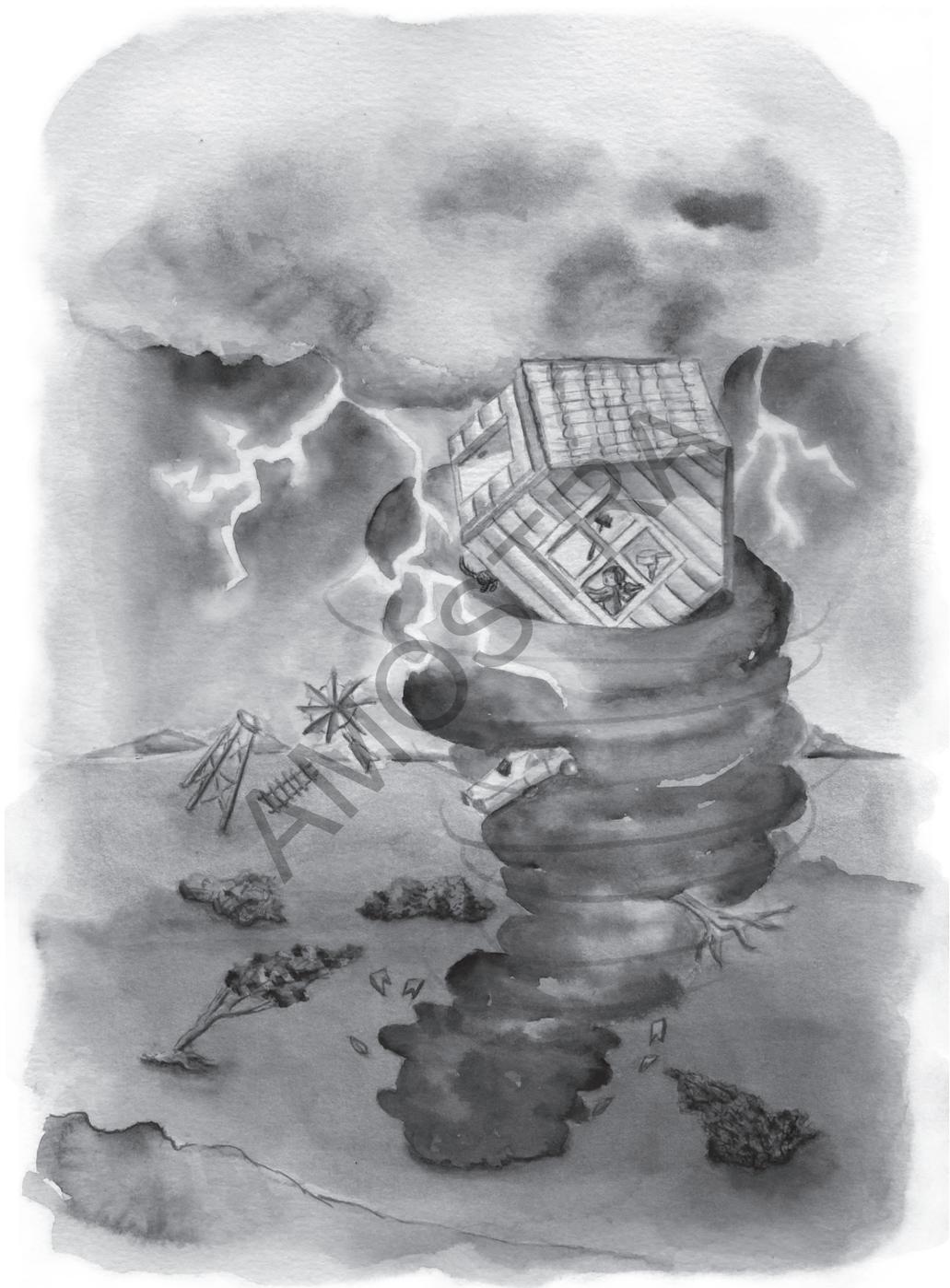
Totó saltou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina disparou para apanhá-lo. Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão no assoalho e desceu a escada até a pequena toca escura. Dorothy finalmente apanhou Totó e começou a seguir a tia. Quando estava no meio da sala, ouviu-se um guincho alto do vento, e a casa tremeu tanto que Dorothy tropeçou e caiu sentada no chão.

Foi então que algo estranho aconteceu.

A casa rodopiou duas ou três vezes e se ergueu lentamente no ar. Dorothy sentiu como se estivesse dentro de um balão.

Os ventos do norte e do sul se encontraram no local onde a casa estava e a colocaram bem no centro do ciclone. No centro de um ciclone, o ar normalmente é calmo, mas a grande pressão do vento por todos os lados foi erguendo a casa cada vez mais alto, até que ela ficou no topo do ciclone. E ali permaneceu e foi carregada por quilômetros e mais quilômetros de distância, como se fosse leve como uma pena.

Estava muito escuro, e o vento uivava terrivelmente ao redor, mas Dorothy percebeu que estava sendo conduzida com bastante cuidado. De-



pois de alguns rodopios e de mais uma vez em que a casa chacoalhou bastante, ela passou a sentir que era embalada com delicadeza, como um bebê dentro de um berço.

Totó não gostou daquilo. Corria pela sala, de um canto ao outro, e latia muito alto. Mas Dorothy se sentou bem quieta no chão e aguardou para ver o que aconteceria.

Em um momento, Totó se aproximou do alçapão aberto e caiu. A garotinha pensou que tinha perdido o cachorrinho. Mas logo viu uma de suas orelhas despontando pelo buraco, pois a forte pressão dos ventos impediu a queda. Ela rastejou até o buraco, apanhou Totó pela orelha e o arrastou até a sala de novo, fechando o alçapão em seguida para que não houvesse outro acidente.

Passaram-se horas, e aos poucos Dorothy superou o medo, mas se sentia bastante sozinha. O vento guinchava tão forte ao seu redor que ela quase ficou surda. Começou a imaginar se seria partida em pedaços quando a casa caísse. Mas, à medida que as horas passavam e nada de terrível acontecia, parou de se preocupar e decidiu aguardar calmamente e ver o que iria acontecer. Por fim, arrastou-se pelo assoalho balançante até a cama e permaneceu deitada ali. Totó a seguiu e se deitou ao seu lado.

Apesar do balanço da casa e do assobio do vento, Dorothy fechou os olhos e logo adormeceu.







- ENCONTRO -
COM OS
MUNCHKINS



Se não estivesse deitada na cama macia, ela teria se machucado, pois foi despertada por um impacto muito abrupto e intenso. Sobressaltada, recuperou o fôlego e tentou imaginar o que estava acontecendo. Totó encostou o focinho frio no seu rosto enquanto gania com tristeza. Dorothy se sentou e percebeu que a casa não se movia. Tampouco estava escuro: uma luz radiante de sol entrava pela janela e inundava o pequeno cômodo. Levantou-se da cama e, com Totó em seus calcanhares, foi correndo abrir a porta.

A garotinha soltou um grito maravilhado, olhando ao redor com olhos cada vez mais arregalados diante da paisagem deslumbrante que avistava.

O ciclone pousara a casa, muito delicadamente (para um ciclone), em meio a uma terra de fascinante beleza. Havia porções adoráveis de grama por todo lado, com árvores majestosas ostentando frutos deliciosos e suculentos. Plantas de flores espetaculares se encontravam em todo lugar, e aves de rara e brilhante plumagem cantavam e vojavam sobre as árvores e os arbustos. A uma curta distância um riacho corria cintilante entre margens esverdeadas, num murmúrio muito agradável aos ouvidos de uma garotinha que vinha de pradarias secas e cinzentas.

Enquanto olhava avidamente para estes estranhos e belos encantos, notou a aproximação de um grupo das pessoas mais esquisitas que já vira. Não eram tão grandes quanto os adultos a que estava acostumada, mas também não eram pequenos. De fato, eles pareciam da altura de Dorothy, uma garota bem alta para a sua idade, embora fossem, pelo que se podia ver, muitos anos mais velhos.

Eram três homens e uma mulher, e todos se vestiam de maneira singular. Usavam chapéus redondos de copa afunilada, com sininhos ao redor da aba que tilintavam aos seus movimentos. O chapéu dos homens era azul; o da mulher era branco. E ela usava uma túnica branca com pregas nos ombros, cheia de estrelinhas que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens vestiam azul, da mesma tonalidade dos chapéus, e calçavam botas bem engraxadas com uma larga dobra azul em cima. Os homens,

pensou Dorothy, eram tão velhos quanto tio Henry, pois dois deles tinham barba. Mas a mulher era sem dúvida muito mais velha; seu rosto era cheio de rugas, o cabelo era quase inteiramente branco, e ela caminhava com bastante dificuldade.

Quando essas pessoas chegaram perto da casa, onde Dorothy ainda permanecia à entrada, ali se detiveram e cochicharam entre si, como se temerosos de se aproximar mais. A velhinha, porém, caminhou até Dorothy, curvou-se em sinal de reverência e disse com uma voz doce:

– Seja bem-vinda, nobre Feiticeira, à terra dos Munchkins. Somos imensamente gratos a você por ter matado a Bruxa Má do Leste e por libertar o nosso povo da escravidão.

Dorothy escutou o discurso com assombro. O que aquela pequena mulher queria dizer ao chamá-la de feiticeira, e afirmando que havia matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma garotinha inocente e inofensiva, que um ciclone tinha carregado por muitos quilômetros. Jamais matara sequer uma formiga em toda a vida.

Mas a mulher evidentemente aguardava uma resposta. Sendo assim, Dorothy respondeu, hesitante:

– Você é muito gentil, mas deve haver algum engano. Não matei nada.

– Sua casa matou, então – respondeu a velhota com uma risada –, o que é a mesma coisa. Veja! – prosseguiu, apontando para um canto da casa. – Lá estão os dedos do pé dela, ainda despontando por debaixo de uma tora de madeira.

Dorothy olhou e soltou um grito de medo. De fato, bem debaixo da aresta da grande viga onde a casa se apoiava, havia dois pés saindo para fora, com sapatos prateados de bicos pontudos.

– Puxa vida! Puxa vida! – exclamou Dorothy, apertando as mãos de aflição. – A casa deve ter caído em cima dela. E agora?

– Não há nada a fazer – respondeu calmamente a pequena mulher.

– Mas quem era ela? – perguntou Dorothy.

– Ela era a Bruxa Má do Leste, como eu disse – respondeu a mulher. – Ela aprisionou todos os Munchkins durante muitos anos, tornando-os seus escravos noite e dia. Agora todos estão livres, e somos gratos a você pelo favor.

– Quem são os Munchkins? – quis saber Dorothy.

– São as pessoas que vivem nesta terra do Leste, onde a Bruxa Má governava.

– Você é um Munchkin? – questionou Dorothy.

– Não, mas sou amiga deles, embora eu viva na terra do Norte. Quando viram que a Bruxa do Leste estava morta, os Munchkins me enviaram um ágil mensageiro, e vim imediatamente. Eu sou a Bruxa do Norte.

– Deus do Céu! – exclamou Dorothy. – Você é uma bruxa de verdade?

– Sim, eu sou – respondeu a mulher. – Mas eu sou uma bruxa boa, e o povo me ama. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Má que governava aqui, ou eu mesma teria libertado este povo.

– Eu achava que todas as bruxas fossem perversas – disse a menina, meio assustada de estar diante de uma bruxa de verdade.

– Oh, não, esse é um grande engano. Havia apenas quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são as bruxas boas. Eu sei que isso é verdade porque sou uma delas, e não posso estar enganada. As que moravam no Leste e no Oeste eram, estas sim, bruxas más. Mas, agora que você matou uma delas, há apenas uma bruxa má em toda a Terra de Oz: a que vive no Oeste.

– Mas – disse Dorothy após pensar um momento – tia Em me contou que todas as bruxas morreram muitos anos atrás.

– Quem é tia Em? – perguntou a velhinha.

– É a minha tia, que mora no Kansas, de onde vim.

A Bruxa do Norte pareceu pensar por um tempo, a cabeça inclinada e os olhos voltados para o chão. Então ergueu os olhos e disse:

– Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país. Mas, me diga, é uma terra civilizada?

– Ah, sim – respondeu Dorothy.

– Então está explicado. Creio que nos países civilizados não existam mais bruxas nem magos, nem feiticeiras e adivinhos. Mas, você sabe, a Terra de Oz jamais foi civilizada, pois fomos separados do resto do mundo. Portanto, nós ainda possuímos bruxas e mágicos entre nós.

– Quem são os mágicos? – perguntou Dorothy.

– O próprio Oz é o Grande Mágico – respondeu a Bruxa, num sussurro. – Ele é mais poderoso que todos nós juntos. Ele vive na Cidade das Esmeraldas.

Dorothy ia fazer outra pergunta, mas nesse momento os Munchkins, que permaneciam próximos e em silêncio, soltaram um grito alto e apontaram para o canto da casa onde jazia a Bruxa Má.

– O que foi? – perguntou a velhinha, que olhou para lá e desatou a rir. Os pés da Bruxa morta haviam desaparecido completamente, e não restava nada além dos sapatos prateados.

– Era tão velha – explicou a Bruxa do Norte – que secou rapidamente com o sol. É o fim dela. Mas os sapatos prateados são seus, e você deverá usá-los – abaixou-se, apanhou os sapatos e, após chacoalhar a poeira, entregou-os a Dorothy.

– A Bruxa do Leste tinha orgulho desses sapatos prateados – disse um dos Munchkins –, e existe algum feitiço ligado a eles que nunca soubermos qual é.

Dorothy levou os sapatos para dentro de casa e os colocou sobre a mesa. Em seguida, saiu novamente e disse para os Munchkins:

– Preciso voltar para minha tia e meu tio. Eles vão ficar preocupados comigo. Vocês podem me ajudar a encontrar o caminho?

Os Munchkins e a Bruxa se entreolharam. Então se voltaram para Dorothy e balançaram as cabeças.

– Ao Leste, não muito longe daqui – disse um deles –, fica um grande deserto, e nenhum de nós conseguiu atravessá-lo com vida.

– É a mesma coisa com o Sul – disse o outro –, pois estive lá e pude ver. O Sul é a terra dos Quadlings.

– Contaram-me – disse o terceiro homem – que isso também acontece no Oeste. E aquela terra, onde vivem os Winkies, é governada pela Bruxa Má do Oeste, que transformaria você em escrava se passasse por lá.

– O Norte é o meu lar – disse a velha senhora – e em suas fronteiras há o mesmo deserto que circunda esta Terra de Oz. Sinto muito, minha querida, mas acho que terá de viver conosco.

Ouvindo isso, Dorothy começou a chorar, pois se sentia solitária entre toda essa gente desconhecida. Suas lágrimas parecem ter afligido os gen-

tis Munchkins, pois eles pegaram imediatamente um lençinho e também começaram a chorar. Quanto à velhota, ela retirou o chapéu e equilibrou a ponta na extremidade do seu nariz, enquanto contava “um, dois, três” em uma voz muito solene. De repente, o chapéu se transformou em um quadro, no qual se lia em grandes letras brancas de giz:

MANDE DOROTHY PARA A CIDADE DAS ESMERALDAS

A velhinha tirou o quadro do nariz e, tendo lido as palavras que ali estavam, perguntou:

– Seu nome é Dorothy, minha querida?

– Sim – respondeu a criança, erguendo a cabeça e secando as lágrimas.

– Então você deve ir até a Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz a ajude.

– Onde fica essa cidade?

– Fica exatamente no centro desta terra e é governada por Oz, o Grande Mágico de quem falei.

– Ele é um homem bom? – perguntou ansiosa a garota.

– Ele é um bom Mágico. Se é um homem, não posso dizer, pois jamais o vi.

– Como chego até lá? – perguntou Dorothy.

– Você precisa caminhar. É uma longa jornada por um país às vezes agradável, às vezes terrível e sombrio. Entretanto, usarei todas as artes mágicas que conheço para protegê-la.

– Você não vai comigo? – implorou a menina, que começou a enxergar a velhota como sua única amiga.

– Não, não posso fazer isso – respondeu. – Mas lhe darei o meu beijo, e ninguém ousará ferir alguém que foi beijado pela Bruxa do Norte.

Aproximou-se de Dorothy e beijou-a delicadamente na testa. Onde seus lábios tocaram a menina, ficou uma marca redonda e brilhante, como Dorothy veio a saber logo depois.

– A estrada para a Cidade das Esmeraldas é pavimentada de tijolos amarelos – disse a Bruxa –, de modo que não há como errar. Quando encontrar Oz, não o tema, conte a sua história e peça a ele que a ajude. Adeus, minha cara.

– Oh, Majestade, pensamos que seria morta! Como conseguiu escapar do grande Gato Selvagem? – e fizeram uma mesura tão grande perante a pequena Rainha que quase tocaram a cabeça no chão.

– Este estranho homem de lata – respondeu ela – matou o Gato Selvagem e salvou a minha vida. Assim, a partir de agora, todos vocês devem servi-lo e obedecer ao menor de seus desejos.

– Sim! – bradaram todos os ratos, em um coro estridente. E logo dispararam em todas as direções, pois Totó havia despertado do seu sono e, vendo todos aqueles ratinhos à sua volta, deu um latido de prazer e saltou bem no meio do grupo. Totó sempre gostara de perseguir ratos quando morava no Kansas e não via mal nisso.

Mas o Homem de Lata apanhou o cão em seus braços e o segurou firme, enquanto falava para os ratos:

– Voltem! Voltem! Totó não irá machucar vocês.

Com isso, a Rainha dos Ratos do Campo tirou a cabeça de dentro de uma moita e perguntou, com voz tímida:

– Você tem certeza de que ele não vai nos morder?

– Eu não deixarei – disse o Homem de Lata. – Não tenham medo.

Um a um, os ratinhos se esgueiraram de volta, e Totó não os mordeu, embora tentasse se desvencilhar dos braços do Homem de Lata, e o teria mordido se não soubesse muito bem do que era feito. Por fim, um dos maiores dentre eles falou.

– Há algo que possamos fazer – perguntou – em retribuição por ter salvo a vida de nossa Rainha?

– Não que eu saiba – respondeu o Homem de Lata. Mas o Espantalho, que tinha tentado pensar, mas não conseguia porque a cabeça era cheia de palha, disse, rapidamente:

– Sim! Vocês podem salvar o nosso amigo, o Leão Covarde, que está dormindo no meio das papoulas.

– Um leão! – exclamou a pequena Rainha. – Ora, ele devoraria a todos.

– Oh, não – declarou o Espantalho. – O Leão é um covarde.

– Verdade? – perguntou o Camundongo.

– É o que ele mesmo diz – respondeu o Espantalho –, e ele jamais machucaria alguém que é nosso amigo. Se nos ajudarem a salvá-lo, prometo que ele tratará muito bem a todos.